

ECONOMIA CEARENSE: A INDÚSTRIA TÊXTIL NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

*Francisco de Assis Soares**
*Sandra Maria Santos Cartaxo***

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar um quadro geral da indústria de transformação cearense, tendo como destaque a indústria têxtil. Para tanto, estruturou-se este estudo em três etapas: aspectos gerais da indústria de transformação cearense; importância da indústria têxtil na economia cearense; e o comportamento da indústria têxtil em anos recentes. Constatou-se uma leve diversificação industrial, um crescimento ponderável da indústria de alimentos e um aumento na produtividade da indústria têxtil, em proporção superior a praticamente todas as outras indústrias. São apresentadas, portanto, algumas informações essenciais sobre o setor têxtil do Estado merecedoras de uma reflexão profunda no sentido de uma definição de política industrial mais integralizada e coerente com as especificidades do Ceará e do desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas a economia brasileira passou daquela fase incompleta da industrialização, denominada industrialização restringida, e ingressou numa estrutura industrial com padrões tecnológicos modernos e competitivos no âmbito da economia mundial. Entretanto, esse desempenho do desenvolvimento industrial do Brasil se deu com enormes distorções setoriais e regionais. Ainda existem determinados setores produtivos com graves deficiências ou retardos tecnológicos e regiões industrialmente desarticuladas, seja pela sua baixa relação com as áreas dinâmicas do País, seja pela falta de capacidade endógena de expansão. Isso tem sido assim em grande parte porque todo sistema de promoção ou incentivo à indústria ocorreu, e ainda ocorre, de maneira discricionária, sem objetivos gerais bem definidos, numa perspectiva de longo prazo.

* Professor do Departamento de Teoria Econômica da FEAC/UFC.

** Economista do Instituto de Planejamento do Ceará — IPLANCE.

No caso dos diferenciais da estrutura industrial entre regiões, em especial entre o Nordeste e o Centro-Sul, os incentivos fiscais só têm exercido papel importante na diminuição do diferencial quando se trata de indústrias que interessam ou se relacionam de modo explícito com a demanda intermediária da região mais avançada. Neste caso, as indústrias incentivadas estão fortemente acopladas aos incentivos junto ao sistema nacional de financiamento à indústria, via, principalmente, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Com este trabalho objetiva-se fazer uma avaliação, a partir de dados censitários e de algumas informações da conjuntura recente, do comportamento da indústria de transformação do Ceará, com ênfase em uma das suas principais indústrias, a indústria têxtil. Portanto, não se tenciona discutir a questão dos incentivos fiscais como fonte de financiamento à indústria e o seu conseqüente efeito no desempenho industrial do Nordeste “vis-à-vis” a uma outra região.

Apesar desse tema ser estimulante, interessa no momento entender por que o Ceará continua tendo até 1980 um PIB que representa pouco mais de 12% do PIB do Nordeste e por qual motivo esse quadro não se tem modificado sensivelmente durante as duas últimas décadas.

Esta questão torna-se ainda mais preocupante do ponto de vista da industrialização do Estado, pois a indústria de transformação do Ceará mantém os mesmos percentuais na composição do PIB estadual no período 1970-80. Se agregarmos a isso a informação de que na Região como um todo a indústria de transformação tem uma participação na formação do PIB regional acima daquela cearense e que, Pernambuco e Bahia, não só apresentam participações acima da regional, como ampliam as diferenças no período analisado, concluímos que o Ceará não tem contribuído satisfatoriamente, através da sua indústria de transformação, na formação do PIB do Nordeste.

A hipótese que se defende é a de que a questão acima levantada pode ser explicada pela falta, no Ceará, de um trabalho mais agressivo para a implantação de projetos industriais de grande porte e dinâmicos no sentido do capitalismo em escala nacional. O Ceará concentrou mais esforços em torno do setor têxtil. Evidentemente, esse setor é importante para a economia do Estado, porém, como apresenta baixa sensibilidade

à dispersão e tem poder de dispersão relativamente limitado, precisa ser visto como um setor fundamental dentro de um esquema mais geral de industrialização.

Por conseguinte, o estudo versa sobre a estrutura da indústria de transformação utilizando como categorias de análise o valor adicionado, valor da produção, salários, pessoal ocupado, tamanho, utilização da capacidade etc. Para tanto está dividido em três seções, além desta introdução e da conclusão. Na primeira são apresentados os aspectos gerais da indústria de transformação; na segunda enfatiza-se o papel da indústria têxtil; e na terceira avalia-se a relação entre o setor têxtil e a indústria de transformação nos últimos seis anos, considerando o nível de utilização da capacidade como indicador do nível de atividade.

2. ASPECTOS GERAIS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO CEARENSE

Inegavelmente a indústria de transformação do Ceará vem experimentando um crescimento diversificado nos últimos 25 anos. No entanto, as indústrias tradicionais como, por exemplo, têxtil e alimentos, têm predomínio de participação em termos de valor da transformação industrial e do emprego, se comparadas às indústrias denominadas dinâmicas, como metalúrgica e química.

Por outro lado, vale salientar que mais recentemente a mudança na estrutura da indústria cearense tem-se dado pela expansão produtiva, com taxas mais elevadas nos ramos dinâmicos, e por uma recomposição via modernização no interior da indústria tradicional.

Cabe destacar, neste particular, o crescimento do setor vestuário e calçados, de um lado, e do setor minerais não-metálicos, do outro. Sobressai-se, ainda, nesta modificação estrutural, a perda de participação do setor químico.

Na verdade a reorganização produtiva da indústria de transformação cearense teve maior ênfase no período 1960-70, principalmente no interior das indústrias tradicionais, destacando-se aí a queda de participação da indústria têxtil e o aumento quase compensatório da alimentar, seja no valor da produção, no pessoal ocupado ou nos salários (TABELA 1). Em consequência, as indústrias dinâmicas não experimentaram alterações signi-

TABELA 1
Estrutura da Indústria de Transformação Cearense: 1960-1980
(%)

Indústria de Transformação	Valor da Produção				Pessoal Ocupado Total				Salários			
	1960	1970	1975	1980	1960	1970	1975	1980	1960	1970	1975	1980
TRADICIONAIS	65,6	65,5	69,1	65,0	69,9	69,0	71,2	67,7	71,0	64,7	64,6	60,2
Têxtil	43,6	22,8	26,4	23,6	30,2	16,4	14,6	12,8	30,2	15,2	14,2	11,7
Vestuário	1,5	3,3	6,0	9,8	6,7	7,4	11,9	15,5	4,8	6,2	10,4	12,4
Alimentos	12,6	32,9	28,5	24,1	19,4	31,2	31,4	27,9	17,5	17,9	24,8	23,9
Outros (a)	7,9	6,5	8,2	7,5	13,6	14,0	13,3	11,5	18,6	15,4	15,1	12,1
DINÂMICAS A	34,0	32,7	27,2	29,0	29,0	28,1	24,0	26,4	27,0	27,9	27,6	30,2
Min. Não-metálicos	4,1	3,3	3,7	6,4	14,5	13,6	9,8	13,2	10,3	8,3	7,7	11,2
Metalúrgica	2,3	5,4	5,3	7,1	2,6	6,4	6,8	7,0	3,8	8,6	8,8	8,7
Química	23,9	21,9	14,8	9,6	8,1	6,0	4,3	2,5	9,3	11,1	7,5	4,7
Outras (b)	3,7	2,1	3,4	5,9	3,8	2,1	3,1	3,7	3,6	2,4	3,7	5,5
DINÂMICAS B (c)	0,4	1,8	3,7	6,0	1,1	2,9	4,8	5,9	2,0	4,9	7,8	9,7
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: IBGE/CAEN/IPLANCE/Autores.

(a) Madeira; mobiliário; couros e peles; fumo; editorial e gráfica e diversos.

(b) Papel e papelão; borracha; produtos farmacêuticos e veterinários; perfumaria, sabões e velas; matérias plásticas.

(c) Mecânica; material elétrico e de comunicação; transporte.

ficativas, a não ser as chamadas dinâmicas B, quando avaliadas em toda a extensão do período 1960-80. Ressalte-se ainda que comparando-se as participações de emprego e salário, depreende-se uma posição, em termos de salário médio, em favor das indústrias dinâmicas.

Mesmo assim, o setor têxtil continua a ter um papel muito importante na acumulação industrial do Estado, merecendo atenção particular por sua tradição e peso na economia cearense.

Percebe-se claramente, a partir da TABELA 1, como a indústria têxtil mantém elevado percentual de participação no valor da produção, tanto nas indústrias tradicionais como na indústria de transformação em geral. Evidencia-se ainda, ao se observar os dados de pessoal ocupado, que o complexo têxtil vem sistematicamente registrando um menor coeficiente percentual de participação, refletindo uma produtividade acima da dos demais setores (a exceção do químico), notadamente quando comparada com a de vestuário.

As modificações estruturais da indústria cearense, apesar de suaves, refletem, em certo sentido, que o setor produtivo local insere-se gradativamente na dinâmica capitalista e começa a responder mais significativamente pela formação do Produto Interno Bruto do Estado. Junto com essa mudança estrutural ocorre uma crescente integração do Ceará na demanda intercapitalista a nível nacional. Mesmo assim, ainda se verifica uma posição relativamente frágil do poder de mercado a nível da economia brasileira.

Fazendo-se uma avaliação comparativa da indústria cearense com a nordestina e a brasileira notamos que em relação ao Nordeste a sua colocação vem sofrendo deterioração, embora lenta, em termos de valor da produção, valor adicionado e massa salarial. Apenas no que se refere a emprego (pessoal ocupado) o Ceará mantém participação regional sempre crescente. Estas constatações quando correlacionadas revelam que a produtividade da mão-de-obra industrial cearense não tem sequer acompanhado a melhoria de produtividade industrial da Região, sendo provável, até mesmo, que esteja abaixo dela.

Tal constatação é reforçada pela relação emprego/salário, que no período 1960-80 apresentou taxa de crescimento do pessoal ocupado na indústria persistentemente superior àquela da massa salarial. Curiosamente, comparando-se com o Brasil, a situação é aparentemente melhor. Isto

é, a posição da indústria cearense tem mantido e até ampliado a sua “performance” relativa nos últimos 25 anos, quando medida pelas variáveis acima descritas. Provavelmente essa assimetria de posição esteja associada ao forte peso do pólo petroquímico da Bahia na economia nordestina.

Pelo que foi dito até agora fica evidenciada, de modo indireto, uma expansão produtiva menos eficiente dos investimentos em formação de capital industrial no Estado do Ceará no contexto do Nordeste ou sinalizado uma estrutura industrial cujo capital é relativamente obsoleto. Assim, conclui-se que o Ceará não tem respondido adequadamente ou não recebeu corretamente os estímulos dos incentivos fiscais via SUDENE.

Apesar disso, tomando-se o período 1959-70, exatamente a primeira década dos incentivos fiscais da SUDENE, como marco temporal para comparação do desempenho da indústria cearense em relação à do Nordeste, segundo as variáveis anteriormente citadas, vemos que esta teve um ganho relativo bastante satisfatório. Por exemplo, enquanto em 1959 o valor adicionado da indústria de transformação do Ceará era de apenas 7,39% do nordestino, em 1970 alcançou 12,58%, passando daí em diante a declinar suavemente (TABELA 2).

TABELA 2
Posição Relativa da Indústria de Transformação Cearense
(%)

Ano	Valor Produção		Valor Adicionado		Pessoal Ocupado		Salários	
	CE/NE	CE/BR	CE/NE	CE/BR	CE/NE	CE/BR	CE/NE	CE/BR
1959	9,73	0,75	7,39	0,56	9,03	1,12	6,57	0,44
1970	14,33	0,92	12,58	0,72	14,51	1,45	11,40	0,63
1975	11,75	0,78	11,31	0,75	16,55	1,67	12,77	0,70
1980	10,09	0,82	11,24	0,90	17,69	1,93	12,21	0,85

FONTE: Censo Industrial, 1960-1980.

Esses dados merecem uma apreciação mais aprofundada a fim de se saber a origem do desempenho relativamente inferior da indústria cearense depois de 1970. Pode-se especular que no resto da Região, notadamente nos Estados de Pernambuco e da Bahia, é quase regra geral a presença de indústrias com maiores inter-relações com o centro dinâmico da economia brasileira, não somente em termos do sistema produtivo como da propriedade do capital social das empresas. Essa questão, para uma compreensão melhor, requer um desdobramento cuidadoso de outras informações, as quais não serão aqui trabalhadas.

Outro aspecto refere-se ao fato de a indústria cearense ser relativamente jovem e com plantas de tamanhos menores, portanto sem ganhos de escala. Enfim, detectamos um comportamento da indústria cearense ligeiramente diverso dos dois principais estados do Nordeste.

Outra maneira indireta de se entender essa menor eficiência produtiva do Ceará, pode ser colocada a partir da distribuição setorial da formação bruta de capital na Região.

TABELA 3
Distribuição Setorial das Imobilizações Técnicas: 1980
(%)

Setores	Ceará	Nordeste	Brasil
TRADICIONAIS	66,10	41,48	33,79
Têxtil	16,00	8,41	5,11
Vestuário	6,41	1,79	1,93
Alimentos	30,20	18,72	11,63
Outros	13,49	12,56	15,12
DINÂMICAS A	28,27	53,56	49,03
Mineral Não-metálico	12,66	7,04	7,34
Metalúrgica	5,53	6,12	16,57
Química	4,45	34,78	16,71
Outros	6,23	5,62	8,41
DINÂMICAS B	5,03	4,96	17,18
TOTAL	100,00	100,00	100,00

FONTE: Censo Industrial-1980

NOTA: Imobilizações técnicas compreendem o valor de edificações e terrenos, máquinas e equipamentos, instalações, móveis e utensílios e meios de transportes.

Olhando-se atentamente a TABELA 3 concluímos que há uma diferença na composição das imobilizações técnicas da indústria de transformação cearense em relação à nordestina e à brasileira. Evidentemente isto já era esperado. Porém, surpreende a magnitude do diferencial, demonstrada em primeiro lugar pela forte influência das indústrias tradicionais no Estado, notadamente dentro do bloco têxtil e vestuário, cujas imobilizações técnicas somam 22,41% em contraposição a 10,20% e 7,04% para o Nordeste e o Brasil, respectivamente. Em segundo lugar, pela forte queda da participação das imobilizações técnicas das indústrias tradicionais quando avaliadas respectivamente dentro do Estado, Região e País, que caiu de 66,10% para 41,48% e para 33,79%.

Isso revela, inicialmente, que o Nordeste, como um todo, se coloca interindustrialmente mais integrado e com padrões próximos ao do País. Entretanto, essa constatação não é muito clara, porque os setores dinâmicos do Nordeste estão com suas imobilizações majoritariamente concentradas. Em Química, em particular no Estado da Bahia. Ou seja, dos 58,52% das imobilizações técnicas do Nordeste, que pertencem às indústrias dinâmicas 34,78% são do setor química, sendo que 26,12% estão na Bahia. Acrescentando-se a isso a forma mais bem distribuída intersetorialmente desta variável para o Brasil e o fato de que a indústria química da Bahia existe mais em função do restante do País, concluímos que a indústria nordestina e, em especial a do Ceará, não tem ainda uma capacidade endógena de se reproduzir e crescer. Tais afirmações são consolidadas quando agregamos ao estudo os dados da Tabela 4.

TABELA 4
Distribuição Setorial das Imobilizações Técnicas: 1980
(%)

Natureza do Setor	Ceará	Nordeste	Brasil
A. Bens de Consumo Não-Duráveis	62,11	35,13	25,70
B. Bens Intermediários	32,60*	59,71**	56,13
C. Bens de Cons. Duráveis e de Capital	5,29	5,16	18,17
TOTAL	100,00	100,00	100,00

FONTE: Censo Industrial-1980

* O setor minerais não-metálicos responde por 12,65%; metalúrgica, química e plástico 13,94%.

** A Bahia responde por 37,46%.

Voltando-se ao papel da indústria têxtil na formação bruta do capital industrial do Ceará, observa-se que ela respondia em 1980 por 16% das imobilizações técnicas, informação que é relevante, uma vez que apenas a indústria de alimentos consegue superá-la. Ademais, mostra também como as indústrias tradicionais têm mantido uma boa participação relativa em termos de imobilizações técnicas na indústria de transformação. Tanto é que no conjunto completo das indústrias tradicionais tal variável mostrava, em 1980, no interior da indústria, um peso relativo muito elevado, 66,10%, ficando o restante repartido entre as indústrias dinâmicas, com destaque para a de minerais não-metálicos (TABELA 3).

Assim, caso a indústria cearense deseje assegurar o seu processo de expansão precisa estar consciente do papel das inovações tecnológicas de processo ou de produto, diversificando e ampliando aqueles setores mais identificados com as especificidades do Estado, sem as quais não alcançará uma dinâmica competitiva regional ou nacional. Esta é uma boa forma de acesso a maiores níveis de eficiência produtiva e, conseqüentemente, à oferta interna de fundos para sustentação do processo de crescimento dos setores industriais.

3. IMPORTÂNCIA E LIMITAÇÕES DA INDÚSTRIA TÊXTEL NA ECONOMIA CEARENSE

Pelo exposto até o momento, podemos afirmar que a indústria têxtil tem dado uma resposta positiva, tanto com respeito ao valor adicionado, quanto à diversificação do produto. Ademais, por seu grau de integração pelo lado da demanda final com o pólo dinâmico da economia nacional ela apresenta um comportamento mais favorável em termos de produtividade. Tanto assim que, diferentemente da indústria de transformação como um todo, o seu valor adicionado vem paulatinamente aumentando a sua participação na indústria têxtil da Região e do País. Para se ter uma idéia mais concreta basta dizer que, enquanto em 1949 a indústria têxtil do Ceará correspondia, em termos de valor adicionado industrial do gênero têxtil, simplesmente a 5,68% da nordestina e 0,93% da brasileira, em 1980, tais participações representavam 22,31% e 3,05%, respectivamente.

TABELA 5
Posição Relativa da Indústria Têxtil Cearense
(%)

Ano	Valor Produção		Valor Adicionado		Pessoal Ocupado		Salários	
	CE/NE	CE/BR	CE/NE	CE/BR	CE/NE	CE/BR	CE/NE	CE/BR
1949	10,21	1,76	5,68	0,93	6,68	1,55	4,83	0,69
1959	17,31	2,81	11,96	1,66	8,51	1,50	7,33	0,80
1970	25,00	2,28	20,28	1,61	14,29	1,60	12,31	0,90
1975	21,61	3,01	22,09	2,88	19,23	2,57	17,53	1,41
1980	20,19	2,94	22,31	3,05	19,55	2,87	16,18	1,68

FONTE: Censo Industrial, 1949-1980.

Padrões semelhantes são também verificados para as variáveis emprego e salário, porém em proporções ligeiramente menores. Isso significa que a melhoria da produtividade da mão-de-obra têxtil não tem sido adequadamente distribuída entre salários e lucros. Isto é, à medida que a eficiência produtiva desta indústria cresce, os seus resultados, como é regra geral do capitalismo, são majoritariamente apropriados pelos proprietários do capital. Indiretamente isso mostra o quanto a margem de lucro desta indústria foi ampliada ao longo do período 1949-80.

Essa ampliação é consequência da atuação do Estado em favor do capital industrial na economia da Região, pois a indústria têxtil nordestina sofreu bruscas transformações tecnológicas com a política de incentivos fiscais da SUDENE, tendo em vista a modernização necessária para torná-la competitiva a nível nacional. Não obstante essa regra geral básica de modernização, ainda subsiste um segmento industrial formado por pequenas firmas que não têm como crescer e se modernizar, seja pela relação de dependência com as grandes firmas, seja pela natureza rígida da oferta de recursos incentivados.

Na TABELA 1 vimos que a participação do setor têxtil no total de pessoal ocupado decresceu, haja vista que enquanto em 1960 este empregava 30% do pessoal ocupado na indústria de transformação, em 1980 esse índice foi de apenas 13%. Isso reflete a modernização realizada pelas empresas do parque têxtil cearense, dentro da política da SUDENE de apoio à dinamização das indústrias tradicionais da Região. Mesmo assim, devido às características tecnológicas deste setor e sua dimensão em relação à economia do Estado, ele continua tendo peso ponderável em termos de ocupação da mão-de-obra.

Convém salientar que, enquanto para o Ceará a indústria têxtil representava na década de setenta uma das maiores forças da indústria local e era vista pelo Estado como fundamental ao seu processo de crescimento, alguns estados nordestinos procuravam desenvolver outros projetos industriais, em especial aqueles ligados a matérias-primas locais e com forte conexão com a indústria nacional em geral e, em particular, com a indústria química (petroquímica).

Assim, a indústria têxtil, inicialmente, fonte de enormes esperanças regionais, cedia lugar a um parque industrial mais diversificado e integrado. É claro que essa nova dinâmica, não seguida pelo Ceará, era essencial para o desenvolvimento da Região. É justamente no vazio deixado por essa nova dinâmica regional que o Ceará procura, dado as dificuldades locais de implantação de projetos especiais, retomar e desenvolver o setor têxtil de modo mais agressivo, principalmente porque dispõe, em abundância, da matéria-prima básica, o algodão. Situações parecidas são encontradas no Rio Grande do Norte e na Paraíba e, de modo menos explícito em relação ao tamanho da economia estadual, na Bahia.

Comprovação numérica desse comportamento é vista com os dados da TABELA 6. Note-se que os Estados do Maranhão, Piauí, Alagoas, Pernambuco e Sergipe tinham, em 1980, um setor têxtil cujas instalações estavam praticamente definidas em 1975, pois daí em diante pouca coisa foi acrescentada. Com exceção do Piauí, todos já se encaminhavam para um grande projeto especial de interesse da indústria nacional.

A Bahia, por seu turno, embora se enquadre no contexto desses últimos estados, tem apresentado uma dinâmica de crescimento do setor têxtil principalmente pela interiorização da indústria em locais próximos à matéria-prima e que oferecem facilidades de escoamento do produto beneficiado. O Rio Grande do Norte, também possuidor de programas

TABELA 6
Distribuição dos Estabelecimentos e da Produção da Indústria Têxtil Nordestina
de Acordo com o Ano de Instalação — 1980
(%)

Estados	Até 1970		De 1971-75		De 1976-79		1980	
	A	B	A	B	A	B	A	B
Maranhão	58,33	93,09	16,67	2,76	25,00	4,15	0,00	0,00
Piauí	42,86	27,77	21,43	9,03	35,71	63,20*	0,00	0,00
Ceará	43,75	62,68	21,43	22,84	26,78	14,00	8,04	0,48
Rio Grande do Norte	34,24	32,07	19,18	3,86	31,51	48,97	15,07	5,10
Paraíba	34,67	60,83	22,67	24,35	19,46	10,26	10,33	4,56
Pernambuco	66,11	67,55	19,50	28,35	12,70	4,10**	1,69	0,00
Alagoas	86,38	95,30	4,54	4,70	9,08	0,00	0,00	0,00
Sergipe	78,96	74,78	5,26	7,06	7,89	10,63	7,89	7,57
Bahia	22,36	21,45	25,89	20,66	35,87	55,53	15,88	2,36

FONTE: Censo Industrial-1980.

* 57,18 referem-se a 1976.

** Inclui 1980.

A = Número de Estabelecimentos; B = Valor da Produção.

NOTA: Esta tabela refere-se a estabelecimentos com cinco ou mais pessoas ocupadas.

federais específicos, manteve na indústria têxtil uma fonte de sua força industrial. Finalmente, a Paraíba e o Ceará, sem qualquer alternativa mais vantajosa, do ponto de vista de interligações industriais, buscaram na indústria têxtil um fator para o crescimento econômico. Neste aspecto particular tal tem sido o esforço do Ceará no sentido de expandir a indústria têxtil, que a colocou, juntamente com o setor metal-mecânico, como a principal fonte de geração de riqueza do chamado III Pólo Industrial do Nordeste.

Feitas essas observações globais, vejamos como se tem comportado a estrutura interna da indústria têxtil no Estado do Ceará. Verifica-se que essa indústria tem crescido à custa de uma tendência à concentração técnica e econômica, de forma bastante acentuada. Mesmo assim, em 1980, mais da metade do valor adicionado dessa indústria era realizado nas pequenas empresas. As microempresas, no que pese a sua alta participação em número de estabelecimentos, geravam somente 5,7% da referida variável. As empresas médias também têm tido participação de baixa magnitude. Em contrapartida, as grandes empresas têm ocupado cada vez mais os espaços produtivos em detrimento das demais. Tanto é, que, em 1980, dentro da indústria elas empregavam em torno de 50% do pessoal ocupado, geravam praticamente 60% da massa salarial e ofertavam 35% do valor adicionado.

Embora reconhecendo o papel e a importância da indústria têxtil para a economia estadual, encontra-se nela um limite de poder na geração de efeitos para frente e para trás. O setor têxtil tem a restrição de se inter-relacionar industrialmente de modo significativo apenas com os próprios subsetores têxteis e de confecções. Nesse sentido os seus multiplicadores de renda e emprego são relativamente baixos. Em contraposição, esta indústria tem inter-relações expressivas com a agricultura, sem contudo contrabalançar a fechada relação dentro do próprio setor. Isto não quer dizer que deixemos de torná-la mais moderna e grande. Pelo contrário, o alerta é no sentido de que o Ceará necessita reconduzir de forma mais integrada o seu parque industrial, o que pode ser obtido com uma avaliação mais precisa a respeito do grau de interdependência industrial sob a perspectiva de uma redefinição dos incentivos fiscais e financeiros.

TABELA 7
Estrutura da Indústria Têxtil do Ceará
(%)

Tamanho de Empresa	Número de Estabelecimentos			Valor da Produção			Valor Adicionado			Pessoal Ocupado			Salário		
	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980
Micro	39,53	32,04	39,28	18,49	6,62	6,43	15,89	7,20	5,70	5,77	3,91	4,67	8,46	2,77	2,86
Pequena	55,09	57,46	57,79	63,06	59,45	56,49	54,51	54,74	52,23	32,60	35,48	33,61	33,03	30,98	25,50
Média	2,33	4,97	3,57	4,50	10,77	6,72	5,52	12,05	6,85	10,60	17,48	11,97	10,54	15,47	13,31
Grande	3,10	5,53	5,36	13,95	23,16	30,36	24,08	26,01	36,22	51,03	43,13	49,75	47,95	50,78	58,34
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Censo Industrial, 1970-1980.

NOTA: Micro — menos de 10 pessoas ocupadas; pequena — de 10 a 99 pessoas; média — de 99 a 249 pessoas; grande — 250 e mais pessoas.

4. COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA TÊXTIL EM ANOS RECENTES

Para se tentar avaliar o comportamento do setor têxtil nos últimos anos, tomou-se como referencial de análise informações da pesquisa de sondagem conjuntural da indústria de transformação, realizada a nível nacional pela Fundação Getúlio Vargas em convênio com os Institutos de Pesquisas Estaduais. No caso do Ceará, esta tem sido feita pelo Instituto de Planejamento do Ceará e pelo Banco do Nordeste do Brasil S.A.

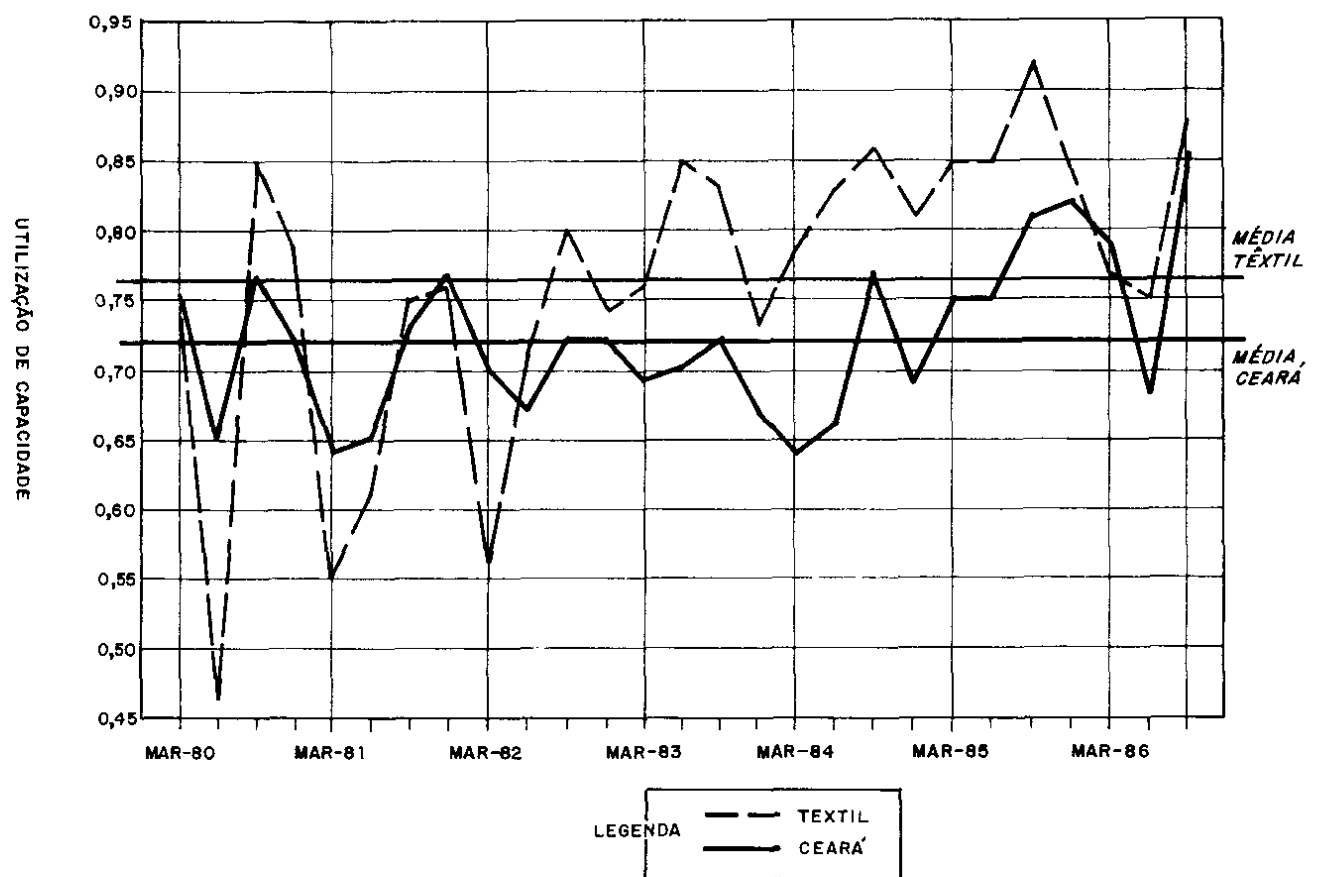
Inicialmente, vale ressaltar como a indústria têxtil vem-se comportando nos últimos seis anos, período em que o Brasil atravessou fases cíclicas, da recessão à recuperação. Como não se dispõe de maiores informações sobre as variáveis que refletem o desempenho da indústria, tomou-se por base o nível de utilização da capacidade instalada, o qual mostra o grau de intensidade da atividade industrial.

Segundo esse indicador, a indústria têxtil tem revelado que no período recessivo a sua capacidade ociosa tem sido maior do que a da indústria de transformação do Estado. Por outro lado, na fase expansiva do ciclo verificou-se justamente o oposto. Estes resultados evidenciam que a indústria têxtil do Ceará está bem mais integrada pelo lado da demanda final com a economia nacional, sofrendo, portanto, de modo mais profundo, os efeitos de uma mudança na tendência de crescimento da economia brasileira.

Conforme revela o GRÁFICO 1, o setor têxtil geralmente apresentou picos produtivos no espaço intertemporal compreendido entre o terceiro e quarto trimestres do ano. Pelo que se pode constatar na série em referência, o ano de 1985 registrou os maiores índices de utilização média da capacidade instalada, atingindo, até mesmo o seu mais elevado nível no período de 1980-86. Ou seja, a indústria têxtil estava funcionando no terceiro trimestre de 1985, em média, com o mais baixo nível de ociosidade, operando com 92% de sua capacidade instalada, no momento de pico.

Nesse sentido, a recuperação da economia brasileira, baseada principalmente nas exportações, já se fazia sentir sobre a demanda agregada do País ao ponto de se refletir na expansão da produção, direcionada para o mercado doméstico, dos setores de bens não-duráveis. No caso específico da indústria têxtil, também beneficiada pelo lado das exportações, o efeito favorável no nível de utilização da capacidade tornou-se mais visível.

GRÁFICO I
CAPACIDADE INSTALADA: UTILIZAÇÃO MÉDIA
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO



Por outro lado, com o esgotamento parcial do potencial de crescimento da economia, em virtude do recrudescimento do processo inflacionário, no começo de 1986, o setor têxtil também passa a sentir seus efeitos e entra em declínio de produção. Evidentemente, a queda mais acentuada da utilização da capacidade instalada se dá justamente porque, além da problemática da inflação, esta é a fase característica de menores níveis de atividade setorial. Este traço cíclico, marcante do setor, pode estar ligado a problemas de matéria-prima, queda na demanda em função da natureza do produto etc. Esta situação agravou-se nos últimos anos em consequência da praga do bicudo nos algodoads cearenses.

Dessa maneira, o ano de 1986 inicia-se em baixa mas recupera-se a partir do terceiro trimestre, obedecendo, por conseguinte, aos padrões produtivos de anos anteriores. Por isso, não parece possível detectar com clareza os reflexos do Plano de Estabilização Econômica de fevereiro de 1986 sobre a indústria têxtil.

Contudo, algumas informações auxiliares puderam ser extraídas da pesquisa de conjuntura. Percebeu-se que houve aumento real de vendas do setor, provavelmente decorrente da expectativa criada em torno da estabilização dos preços em 1986. Em contrapartida, outros fatores afetaram o setor, contribuindo para que o índice de utilização da capacidade instalada tenha-se situado em patamares inferiores ao de 1985, podendo-se citar as dificuldades de obtenção de matéria-prima, a incerteza dos empresários quanto ao sucesso do Plano Cruzado etc.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo maior fornecer um quadro geral da estrutura da indústria de transformação cearense, dando um certo destaque à têxtil, em decorrência da sua expressiva participação na economia do Estado desde a primeira fase da industrialização local.

Através de uma análise dos dados censitários de 1949 a 1980, pode-se observar como a indústria cearense vem-se expandindo com uma diversificação muito lenta, apesar de toda uma série de incentivos fiscais e financeiros, tanto na esfera federal como na estadual e municipal.

Observou-se, entretanto, uma mudança estrutural significativa no próprio interior das indústrias tradicionais, particularmente por uma recomposição bipolar na distribuição dos resultados do valor da produção,

valor adicionado, emprego e salários, entre as indústrias têxteis e de alimentos. Apenas mais recentemente entra em evidência o setor de vestuário e calçados.

Ficou também relativamente claro que a indústria têxtil teve uma transformação tecnológica profunda no período 1960-70, continuando na década seguinte a produzir os resultados destas modernizações sem esboçar qualquer indício de novos saltos tecnológicos significativos.

Mesmo assim, a indústria têxtil exerce importante papel na indústria do Estado, conforme se pode observar. Contudo, necessário se faz direcionar uma política de apoio, que beneficie de forma menos concentrada o parque têxtil cearense e possibilite também uma maior integração vertical deste setor com as demais atividades a ele vinculadas. Nesta linha de raciocínio é preciso dinamizar também o setor agrícola do Estado, particularmente no que se refere à cultura do algodão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FERREIRA, Assuero. **As Pequenas e médias empresas na expansão industrial brasileira: com ênfase para o Estado do Ceará.** Fortaleza, FIEC/IEL, 1985.
2. IPLANCE. **Sondagem Conjuntural do Ceará**, vários anos.
3. SILVEIRA, José Dantas da et alii. **Estrutura industrial, emprego e produtividade na indústria de transformação cearense no período 1960-80.** Fortaleza, IPLANCE/CAEN, 1983.
4. SILVEIRA, José Dantas da & SANTOS, Sandra Maria. **Análise da balança comercial do Estado do Ceará no período 1960-80.** Fortaleza, IPLANCE/CAEN, 1983.
5. SUDENE. **Produto e formação bruta de capital do Nordeste do Brasil, 1965-81.** Recife, SUDENE-CPR, 1983.

Abstract: The objective of this paper is to analyze the manufacturing segment of the industrial sector in the state of Ceará, with special attention to the textile industry. To do so, this study is divided in three parts: general characteristics of manufactures in the state; the importance of the textile industry in the state; and the behavior of the textile industry in recent years. The principal observations of the study are: 1) little industrial diversification; 2) considerable growth of the food processing industry, and 3) an increase of the productivity of the textile industry greater than that of other industries. It was also observed that some crucial information on the textile sector of the state deserves more study, necessary for a more integrated and consistent industrial policy for Ceará as well as for capitalistic development in Brazil.